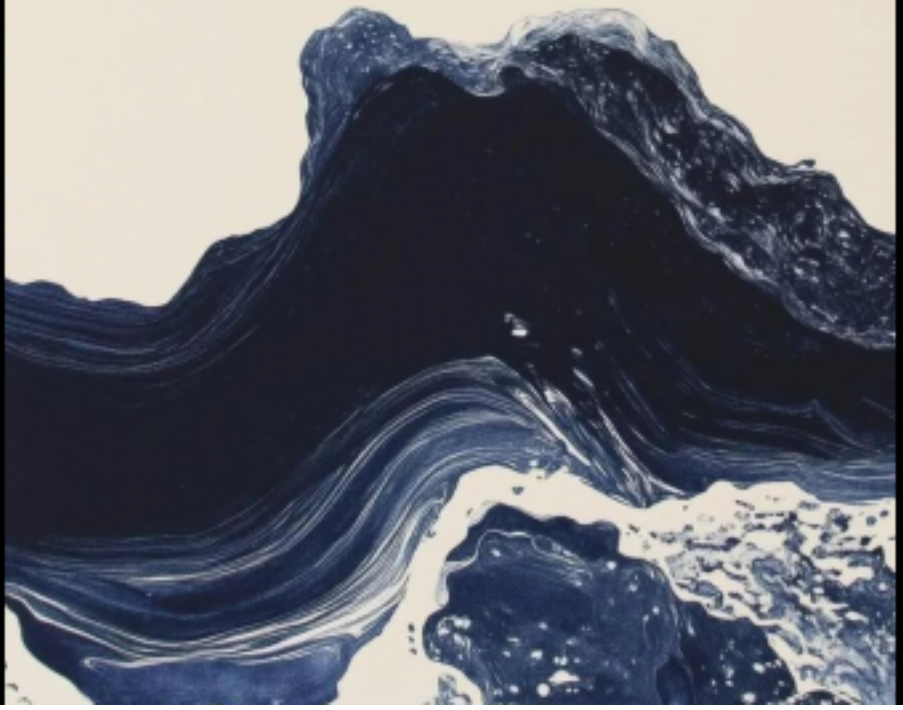
Cristo é Tudo

Cristo é tudo
que Deus pode
nos dar



Cristo é Tudo

Há pessoas que passam pela história e mudam uma época.

Jesus Cristo mudou a forma como a humanidade entende Deus, o homem, o amor, o perdão, a justiça e a eternidade.

Seu impacto não se limita ao cristianismo; atravessa culturas, impérios e séculos.

Nenhum outro nome influenciou tanto a consciência humana.

Contudo, conhecer informações sobre Jesus não é o mesmo que conhecê-lo.

Os evangelhos não foram escritos apenas para contar sua história, mas para conduzir o leitor a um encontro com Ele.

Jesus viveu aproximadamente trinta e três anos.
Cresceu em simplicidade, trabalhou como carpinteiro e conheceu o cotidiano do povo comum.
Não apareceu como um rei cercado de luxo,
mas como alguém que escolheu caminhar entre pescadores, viúvas, crianças, doentes, pecadores e esquecidos.

Seu modo de viver já era sua primeira pregação: Deus não procura os fortes para amar;
ama os fracos para torná-los fortes.
O centro de toda a mensagem de Cristo é o Reino de Deus.

Não um reino político, nem um sistema religioso,
mas o governo de Deus dentro do coração humano.
Sempre que Jesus falava sobre esse Reino, chamava as pessoas ao arrependimento, palavra que significa muito mais do que sentir culpa.
Significa mudar a direção da vida, abandonar o ego como centro da existência e permitir que Deus ocupe esse lugar.

Talvez a frase que mais resuma seus ensinamentos seja:

"Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração... e amarás o teu próximo como a ti mesmo."

Nela está condensada toda a Lei.

Mas esse amor não é sentimentalismo.

É decisão.

Amar, para Cristo, significa servir, perdoar, sacrificar-se e permanecer fiel mesmo quando não há retorno.

Jesus também revelou uma verdade desconcertante: o maior é aquele que serve.

Enquanto o mundo busca posição, reconhecimento e poder, Cristo ajoelha-se para lavar os pés dos discípulos.

Ali ensina silenciosamente que autoridade sem humildade torna-se tirania.

O verdadeiro líder é aquele que primeiro aprende a servir.

Seu ensino sobre o perdão talvez seja um dos mais revolucionários da história.

Ele ordena perdoar "setenta vezes sete",
uma expressão que significa infinitamente.

O perdão cristão não declara que o mal foi pequeno;
afirma que o amor de Deus é maior que o mal.

Na cruz, enquanto era injustamente executado,
Jesus pronunciou:
"Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem."

Não foi apenas uma frase; foi a demonstração viva do Evangelho.

Cristo nunca romantizou o sofrimento.

Pelo contrário, afirmou que neste mundo haveria aflições.
Entretanto, acrescentou uma esperança:
"Tende bom ânimo; eu venci o mundo."

A vitória que oferece não é ausência de problemas, mas a presença de Deus dentro deles.

Caminhar com Cristo não elimina tempestades; transforma quem atravessa as tempestades.

Os milagres de Jesus nunca foram demonstrações de espetáculo.
Curar cegos, ressuscitar mortos, multiplicar pães ou acalmar tempestades eram sinais de algo maior: revelar quem Ele era.
Quando alimentava multidões, ensinava que era o Pão da Vida.

Quando devolvia a visão aos cegos, mostrava ser a Luz do Mundo.
Quando ressuscitava Lázaro, revelava ser a Ressurreição e a Vida.
Seus milagres apontavam sempre para sua identidade.

As parábolas possuem a mesma profundidade.
O Bom Samaritano revela que o próximo é qualquer pessoa necessitada.

O Filho Pródigo mostra um Deus que corre para abraçar quem retorna.

A Ovelha Perdida apresenta um Pastor que deixa noventa e nove para buscar uma única alma.

A Pérola de Grande Valor ensina que Cristo vale mais do que tudo o que possuímos.

Cada história simples escondia um oceano espiritual.
Há um detalhe constante nos evangelhos:
Jesus fazia perguntas.
"Quem dizeis que eu sou?"
"Que queres que eu te faça?"
"Por que tendes medo?"
Ele sabia as respostas, mas desejava revelar o coração humano.
Cristo não transmite apenas informações;
Ele confronta, cura e transforma.

Quando afirmou:
"Eu sou o caminho, a verdade e a vida",
não apresentou uma filosofia entre outras.

Declarou que a verdade não é apenas um conceito, mas uma Pessoa.
Seguir Cristo não consiste em aderir a um conjunto de regras, mas em andar atrás de alguém vivo.

Seu maior combate nunca foi contra pecadores comuns, mas contra a religiosidade vazia.
Os fariseus conheciam as Escrituras, porém não reconheciam o Autor delas quando estava diante deles.
Isso permanece atual.

É possível conhecer doutrinas e permanecer distante de Cristo.
O Evangelho chama primeiro à comunhão, depois ao conhecimento.
A cruz é o centro da fé cristã.
Ali encontram-se a justiça e a misericórdia de Deus.
A justiça porque o pecado não é ignorado.
A misericórdia porque Cristo assume sobre si aquilo que pertencia à humanidade.
A ressurreição completa essa obra, proclamando que a morte não possui a última palavra.

Depois da ressurreição, Jesus não deixou simplesmente um conjunto de ensinamentos; deixou sua presença.

Prometeu estar com seus discípulos "todos os dias, até o fim dos tempos".

A vida cristã nasce exatamente dessa certeza: Cristo continua vivo e continua conduzindo aqueles que o buscam.

Caminhar com Cristo, independentemente de qualquer denominação, significa viver diariamente diante dele.

Significa aprender a ouvir sua voz nas Escrituras, cultivar uma vida de oração sincera, permitir que o Espírito Santo molde o caráter e fazer da própria existência um reflexo do amor de Deus.

A igreja possui importância como comunidade de fé, mas ninguém pode substituir a relação pessoal entre Cristo e cada pessoa.

No fim, ninguém responderá por uma instituição; responderá pelo modo como viveu diante de Jesus. Ao longo da história, homens e mulheres procuraram compreender essa profundidade.
Santo Agostinho escreveu:
"Fizeste-nos para Ti, e inquieto está o nosso coração enquanto não repousa em Ti."

Ele percebeu que todo desejo humano aponta para Deus.

Blaise Pascal afirmou que existe no coração do homem um vazio infinito que somente pode ser preenchido por Deus revelado em Jesus Cristo.

Para ele, todas as buscas humanas terminam em frustração quando Cristo está ausente.

Dietrich Bonhoeffer compreendeu que seguir Jesus custa tudo, mas também entrega tudo. Escreveu: "Quando Cristo chama um homem, chama-o para morrer." Não uma morte física necessariamente, mas a morte do ego para nascer uma nova vida.

C. S. Lewis concluiu que Cristo não pode ser reduzido a um simples mestre moral.
Ou era quem dizia ser, ou não era digno de confiança.
Sua famosa reflexão afirma que Jesus é Senhor,
ou é um enganador, ou um louco; não existe espaço para tratá-lo apenas como um bom professor.

A. W. Tozer dizia que o problema do cristianismo moderno não é falta de atividade, mas falta da presença manifesta de Cristo.
Segundo ele, tudo perde o sentido quando Jesus deixa de ocupar o centro.

Oswald Chambers ensinava que Deus não busca pessoas extraordinárias, mas pessoas comuns completamente entregues a Cristo.

Todos eles chegaram à mesma conclusão por caminhos diferentes:
Cristo não pode ser apenas estudado; precisa ser experimentado.

Quanto mais alguém conhece Jesus, mais percebe que ainda há infinitamente mais para conhecer.

Sua mansidão não era fraqueza; era força perfeitamente controlada.

Sua autoridade não produzia medo, mas paz.

Sua santidade não afastava pecadores; atraía-os ao arrependimento.

Sua justiça nunca foi separada da misericórdia.

Seu amor nunca foi separado da verdade.

No fim, Cristo não veio apenas ensinar como viver.

Veio conceder uma nova vida.

Não ofereceu simplesmente uma religião, mas uma reconciliação com Deus.

Não prometeu facilidade, mas companhia.

Não retirou a cruz do caminho; caminhou primeiro carregando a sua.

Cristo é tudo porque nele a verdade encontra rosto, o amor encontra expressão, a justiça encontra misericórdia, a eternidade invade o tempo e Deus se torna próximo do homem.

Conhecê-lo é o início da sabedoria.

Segui-lo é o caminho da vida.

Permanecer nele é descobrir, pouco a pouco, que toda a Escritura, toda a história e toda a existência humana encontram seu verdadeiro significado na pessoa de Jesus Cristo.

Deus Abençoe,

Eva Sousa
07/2026